

DR. GUSTAVO TANUS MARTINS

AS FASES DA MORTE E DO MORRER

-

UMA ANÁLISE FILOSÓFICA

E-BOOK VERSÃO GRATUITA

grupo
alicerce

Construindo ideias e conectando pessoas

INTRODUÇÃO 3

NEGAÇÃO 4

RAIVA 4

BARGANHA 5

DEPRESSÃO 6

ACEITAÇÃO 7

REFLEXÃO FINAL 8

BIBLIOGRAFIA 9

INTRODUÇÃO

Aqui apresentaremos as fases da morte e do morrer e buscaremos realizar uma análise filosófica através das ideias de Friedrich Nietzsche. Cabe compreender que não há tempo exato, nem mesmo uma ordem para essas fases, tudo dependerá da relação existente entre as pessoas afetadas por tal acontecimento.

Elizabeth Kubler-Ross, psiquiatra nascida na Suíça, é autora do livro *On Death and Dying*. Trago a autora para a discussão, pois ela descreve cinco fases do processo de morte, pelas quais, tanto quem morre quanto quem fica, acaba passando, ao perceber que existe uma necessidade de compreender ou explicar essa fase da vida. As fases seriam: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação.

Compreende-se que, ao receber a notícia de uma doença terminal, ou ao perdermos um ente querido - principalmente nos tempos atuais, o qual o COVID faz tantas vítimas - essas fases aparecem e têm seu tempo determinado, de acordo com a formação de cada um, com os laços afetivos existentes e com aquilo que constitui a pessoa que lida com a situação.

A autora desenvolve seu trabalho entrevistando pacientes que receberam a notícia de uma doença terminal, ou que estavam internados, mas já desenganados pelos médicos e cuidadores. Existe também a preocupação em compreender o contexto, tanto no hospital quanto com os familiares. Feito em conjunto com alunos, principalmente da faculdade de medicina, esse trabalho é desenvolvido para compreender o processo, especialmente ao perceber o crescente medo da morte.



NEGAÇÃO

Portanto, a primeira fase descrita é a negação e o isolamento. “A negação funciona como um para-choque depois de notícias inesperadas e chocantes, deixando que o paciente se recupere com o tempo, mobilizando outras medidas menos radicais.” (ROSS, 2008, p. 44). Ela ainda relata que essa etapa não dura muito tempo, porque não há saída para que essa realidade deixe de existir.



Nietzsche parece ter uma possível solução para a fase de negação da morte. “Todos dão grande peso ao fato de morrer: mas a morte ainda não é uma festa. Os homens ainda não aprenderam como consagrar as mais bonitas festas.” (NIETZSCHE, 2011, p. 69). A fase de negação parece ter estreita relação com aqueles que o próprio Nietzsche (2011) caracteriza como os refutadores da vida, aqueles que acabam enxergando apenas uma face da existência, apenas a dor existente nesse momento específico, deixando de recordar tudo que foi feito em vida.



RAIVA

Nesse momento em que o estágio da negação não tem mais espaço, entra a raiva. “Quando não é mais possível manter firme o primeiro estágio de negação, ele é substituído por sentimentos de raiva, de revolta, de inveja e de ressentimento.” (ROSS, 2008, p. 55). Essa raiva acaba recaindo sobre os profissionais que cercam o paciente e – até mesmo – os familiares. Quando esse paciente morre, a raiva também se torna processo concreto nos familiares, por se revoltarem com o ocorrido.

O estágio da raiva apresenta a breve consciência daquilo que Nietzsche relata no capítulo “Dos pregadores da morte”, dizendo que alguns apontam a vida apenas como sofrimentos. O autor concorda com essa afirmação, mas “cuidai, então, de que cesse a vida que é só sofrimento” (NIETZSCHE, 2011, p. 45). No instante em que, durante a vida, toma-se consciência dos sofrimentos existentes e buscam-se respostas positivas, nem mesmo no momento de morte a raiva deveria ser um ponto tão intenso. Todavia, de alguma forma, não sabemos dar o devido valor à vida e, no momento em que esta se transforma em morte – ou aponta para esse caminho –, a raiva aparece de forma exacerbada. “Aquele que consoma a sua vida morre a sua morte, vitorioso, rodeado de esperançosos e promitentes” (NIETZSCHE, 2011, p. 69). A morte, portanto, passaria a ser apenas mais um dia em que se vive, mais um instante de vida, passaria a ser parte integrante dessa e não algo separado, como um processo isolado sem nenhuma ligação com ela.

BARGANHA

“O terceiro estágio, o da barganha, é o menos conhecido, mas igualmente útil ao paciente, embora por um tempo muito curto” (ROSS, 2008, p.87). Ele tem essa característica de ser pouco conhecido, principalmente, por se tratar de algo mais pessoal, como um acordo feito pela pessoa consigo mesma. A autora relata que esse é um estágio conhecido desde a nossa infância. Quando ouvem um “não” dos pais, os filhos “podem se trancar no quarto e demonstrar sua raiva nos rejeitando por algum tempo. Mas sempre terão outros pensamentos. Podem pensar em outra forma de abordar o problema.” (ROSS, 2008, p.87). Pode haver uma negociação particular, buscando amenizar a raiva anteriormente expressa, ou uma solução para aquilo que não tem mais volta.

“Mais uma vez parece ser o reflexo da falta de consciência sobre a vida, ou ainda a falta de compreensão da morte voluntária, como descreve Nietzsche (2011) – aquela que chega no momento em que eu quero, que é permeada da consciência da vida, que viveu plenamente aquilo que lhe foi dado. “Quem tem uma meta e um herdeiro, quer a morte no tempo certo para a meta e o herdeiro” (NIETZSCHE, 2011, p. 70). Vivendo uma vida bem vivida, repleta de experiências que alimentam a formação humana, a morte estaria presente no tempo certo, sendo apenas mais uma experiência dessa formação.

DEPRESSÃO



“Dizer-lhe para não ficar triste seria contraproducente, pois todos nós ficamos profundamente tristes quando perdemos um ser amado.” (ROSS, 2008, p.93). Esse seria o quarto estágio, a depressão. Não existe uma forma de deixar de sentir dor quando perdemos alguém amado, a quem dedicamos parte de nossas vidas, ou com quem planejamos percorrer conjuntamente diversos caminhos.

Essa fase não é menos ou mais importante do que as anteriores, mas sim necessária, não deve ser negada pelas pessoas que estão próximas, uma vez que “a depressão é um instrumento na preparação da perda iminente de todos os objetos amados, para facilitar o estado de aceitação, o encorajamento e a confiança não têm razão de ser.” (ROSS, 2008, p.93).

Ao mesmo tempo, esse quarto estágio surge da falta de compreensão de que a vida também é sofrimento. Ele está presente no lado trágico dela, não surge apenas no momento dito final. Se aceitássemos a companhia do trágico, repetiríamos toda a nossa vida como ela nos foi apresentada até hoje? Esse quarto estágio pode estar associado ao reforço de uma visão niilista da vida, como diria “O adivinho” para Zaratustra: “Em verdade, ficamos cansados demais para morrer; ainda estamos acordados e prosseguindo vivendo - em sepulcros!” (NIETZSCHE, 2011, p. 128). Isso só aconteceria devido à negação da vida: um estado depressivo em vida, não apenas por um momento de sofrimento, mas também por este já fazer parte de toda a existência.

ACEITAÇÃO

O quinto momento é o da serenidade, o qual surge da compreensão dos fatos, apesar de ainda parecer tudo confuso. Momento em que não há mais a tristeza, nem a raiva, com relação ao destino. “Terá podido externar seus sentimentos, sua inveja pelos vivos e sadios e sua raiva por aqueles que não são obrigados a enfrentar a morte tão cedo. Terá lamentado a perda iminente de pessoas e lugares queridos e contemplará seu fim próximo com um certo grau de tranquila expectativa.” (ROOS, 2008, p.117).

Os parentes, familiares e amigos “experimentam diferentes estágios de adaptação, semelhantes aos descritos com referência aos nossos pacientes” (ROOS, 2008, p.174). Percebe-se certa nuance formativa nesse estudo realizado: “[...] cada um a seu modo tentava analisar sua própria atitude perante a morte e, aos poucos, individualmente e em grupo iam se familiarizando com ela.” (ROOS, 2008, p.262).



O processo de aceitação permeia questões relativas a morrer no tempo certo, mas uma questão pode ser levantada: “[...] mas quem jamais vive no tempo certo, como poderia morrer no tempo certo?” (NIETZSCHE, 2011, p. 69). A morte, para Nietzsche, sem sombra de dúvidas, está ligada à forma como levamos e vivemos a própria vida. Nietzsche (2002) afirma que aquilo que está vivo é uma variedade do que está morto, portanto o mundo morto faz parte de nós, não pode ser visto como algo isolado e separado daquilo que vivemos.

Uma das formas desse processo ser compreendido e de existir essa reflexão, antes mesmo do final da vida, seria pensar na morte. Trabalha-se, portanto, com o pensamento do eterno retorno. A ideia de viver a cada instante do tempo e da vida, como se fosse retornar, outra vez e mais uma vez, sempre igual e da mesma maneira, ou seja, você gostaria de viver tudo outra vez e mais uma vez, da mesma forma que hoje? Caso sua resposta seja negativa, deve-se repensar sua maneira de viver.

REFLEXÃO FINAL

Aprender com a morte, para olhos corridos, parece ser tarefa de loucos, ou ainda sem fundamento ou motivo de ser. Aos poucos, compreende-se que a morte não é apenas um instante, mas também todo o caminho percorrido por alguém – não simplesmente um momento isolado. Morre-se a cada momento, não em um único. Estando ciente de que ela é apenas mais um instante, podem-se observar belezas nesse processo e, principalmente, valorizar o momento em que vivemos hoje, nossa vida! Amar a vida, com peso e com potência, um amor fati, esse amor pelos fatos, pelo destino. O amor por cada instante, cada acontecimento, cada experiência e cada vivência.

A discussão realizada entre Nietzsche e Ross não tem a pretensão de achar aquilo que poderia ser certo ou errado, tampouco de desautorizar os argumentos um do outro; mas sim a de refletir – visto que essa é uma das funções da filosofia da educação – sobre possibilidades de vislumbrar o instante da morte como parte fundamental do processo de vida. Ambas (vida e morte) fazem parte de uma mesma realidade, imbricada na formação humana do sujeito. Toda a discussão está relacionada com outra possibilidade de perceber e, principalmente, de sentir a vida e – conseqüentemente – a morte.

Percebe-se que a morte parece ter muito a nos ensinar, para que possamos compreender a vida e vivê-la de forma mais intensa. Qual seria a medida e quando poderiam iniciar a discussão, conscientização e reflexão sobre a morte? Formamo-nos, para que no final possamos morrer. A morte deveria ou poderia ser um tema discutido desde a infância? Mas esse é tema para uma próxima conversa.

Dr. Gustavo Tanus Martins

BIBLIOGRAFIA

NIETZSCHE, F. W. A Gaia Ciência. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. Vontade de Potência. Tradução: Antonio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Escala. 2010.

KUBLER-ROSS, E. Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiros, religiosos e aos seus próprios parentes; Trad. Paulo Menezes. 9ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.



O Dr. Gustavo Tanus Martins possui Doutorado e Mestrado em Educação na linha de Filosofia da Educação e Graduação em Pedagogia pela UFSC. Também é formado na área da saúde, em Naturologia Aplicada pela UNISUL, e com especializações em Saúde Mental e Atenção Psicossocial, Medicina Chinesa e Acupuntura, e Constelação Familiar.

Atualmente é professor no IFC e vice coordenador do curso do PROEJA e professor da UNIVILLE. Foi Secretário de Cultura do Município de Ourinhos (SP) e coordenador do Curso de Pós-Graduação em Práticas Complementares em Saúde na Faculdade Novoeste, em Campo Grande (MS). Atua também na formação de professores e ministra diversos cursos e workshops nas áreas de Educação e Saúde. Atuou como professor colaborador na UFSC e no Programa de Pós-Graduação da Faculdade Novoeste. Também foi tutor e coordenador de tutoria no curso de Educação a distância do IFSC. Tem experiência nas áreas de Saúde Integral, formação de professores e Educação de Jovens e Adultos, trabalhando principalmente com os temas: morte e educação, suicídio, sexualidade, afeto, masculinidade, machismo e Pedagogia da Fragilidade.

grupo
alicerce

Construindo ideias e
conectando pessoas

  ALICERCE.GRUPO

 ALICERCEGRUPO.COM.BR

 CONTATO@ALICERCEGRUPO.COM.BR